

Tina Coêlho



Juvenal e Minervina vieram da Bahia para protestar pela morte do filho Galdino, no dia 20 de abril deste ano e participaram do protesto no ponto de ônibus da 704 sul, onde ele foi queimado

# Denúncia exclui corrupção de menor

*Advogado de acusação vai entrar hoje no Tribunal de Justiça com um embargo de citação para a juíza explicar a omissão*

**A** juíza Sandra De Santis esqueceu de denunciar os quatro acusados por corrupção de menores em sua sentença", afirmou Luis Eduardo Greenhalgh, advogado de acusação no Caso Galdino. Ele quer saber por que De Santis não incluiu na acusação aos envolvidos a denúncia de corrupção do menor G.O.A., que também participou do crime.

Na denúncia encaminhada à

juíza De Santis, a promotora Maria José Pereira Miranda queria a condenação por homicídio e corrupção de menor porque G.O.A, 16 anos, estava entre os cinco filhos da classe média que atearam fogo no índio Pataxó Hã Hã Hae Galdino de Jesus Santos, com dois litros de álcool. O crime ocorreu na madrugada de 20 de abril no ponto de ônibus da 704 Sul. A promotora Maria José Pereira não tomou

qualquer medida contra o que Greenhalgh chama de "omissão no texto da sentença".

G.O.A é irmão de Tomás Oliveira de Almeida, primo de Eron Chaves de Oliveira e amigo de Antônio Novely Vilanova. G.O.A foi condenado em junho à punição máxima do Estatuto da Criança e do Adolescente. Ficará internado por até três anos no Centro de Atendimento Juvenil Especializado, o Cajé.

Hoje Greenhalgh e outros três advogados, Paulo Guimarães, Rosane Lacerda e Erilda Balduino, entregam ao Tribunal de Justiça um embargo de declaração, para a juíza explicar o porquê de se omitir em relação a essa parte da denúncia.

Assim que os advogados de acusação receberem a resposta ao embargo de declaração, eles entrarão com outro pedido, o recurso restrito, para que a sentença seja completamente revista. "A sentença apenas refletiu a versão dada sobre o crime pelos próprios acusados. Desconsiderou o depoimento das testemunhas e as provas científicas: o laudo cadavérico e pericial", disse Greenhalgh.

O advogado informou que os cinco rapazes tiveram tempo até para lavar um vasilhame de plástico achado no lixo do posto de gasolina, onde guardaram o álcool. "Se não fosse o casal que anotou a placa do carro, até agora o crime estaria impune", acredita Greenhalgh. Ele quer

a condenação por homicídio doloso eventual: se a intenção não era matar, os quatro tomaram uma atitude que seguramente levaria à morte. A juíza Sandra De Santis diz em sua sentença que se trata de crime de lesão corporal seguida de morte.

Greenhalgh, também deputado federal (PT-SP), fez críticas indiretas à atitude da promotora. "O Ministério Público precisa entender que a assistência de acusação não é um adereço da Promotoria", afirmou o advogado. "Nós procuramos a promotora para que ela tomasse a atitude que tomaremos agora, e ela nos respondeu que isso era uma questão periférica do processo". (AJP)

## Índio criou filha sozinho

O índio Galdino Jesus dos Santos criou sozinho sua filha mais velha, Evanilsa, hoje com 13 anos. A menina tinha dois anos quando ele e a primeira mulher, Carmélia se separaram. Galdino queria também a segunda filha, Taite, recém-nascida, mas Carmélia, grávida da terceira filha, Naninha, não topou o acordo. No processo de separação dos pataxós Hã-Hã-Hãe, a mulher decide se entrega as crianças ao ex-marido.

Evanilsa cresceu pendurada nas costas do pai dentro de um cesto de palha. Galdino acomodava a menina no cestinho e seguia para trabalhar na roça de milho, mandioca, feijão verde da aldeia. Galdino, aos 43 anos, casou novamente com Ge-

nilda Campos, índia também. Completariam agora dois anos de casados. Antes, ele ensaiou casamentos que nunca deram certo. "As mulheres maltratavam a menina. E Galdino não aceitava", explica a irmã dele, Marlene.

Como viveram a maior parte do tempo juntos, Galdino ensinou à menina trabalhos de casa. "Ele me ensinou a fazer macarrão, arroz, carne", conta Evanilsa. O pai foi assassinado há quatro meses, mas ela ainda não se conformou. No final da tarde, horário em que Galdino voltava para almoçar, a filha fica na mesa esperando. "Eu escuto no gravador de meu avô as serestas que meu pai ouvia", conta Evanilsa.